

A HISTÓRIA DO PEQUENO PRÍNCIPE ILUMINADO: A DESCOBERTA DA DIVERSIDADE RELIGIOSA NAS AULAS DE ENSINO RELIGIOSO NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Jaime de Mello Junior; Wesley Henrique Soares Silva; Francisco Melquiades Falcão Leal
(orientador)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte / PIBID Ensino Religioso / Ciências da Religião / UERN – Campus de Natal; Secretaria Municipal de Educação de Natal.

E-mail: jaimemellojunior@gmail.com
E-mail: wesleyhsspibid@gmail.com
E-mail: melquiadessupervisorpid@gmail.com

Resumo

Na experiência do subprojeto PIBID – Letramento literário no contexto do Ensino Religioso: construção de práticas leitoras e material pedagógico para o Ensino Fundamental no ano de 2016 percebermos a necessidade de buscar novas formas de abordagem para os conteúdos que venham a auxiliar o professor em sua prática pedagógica pluralista. A princípio, defendemos as contribuições do letramento literário, compreendendo que as práticas de contação de histórias atuam de modo significativo no contexto escolar. Abordamos assim, a narrativa de Sidarta Gautama, mais conhecido como Buda, fundador do Budismo, como caminho para a descoberta da diversidade religiosa em uma turma do 1º Ano do Fundamental I da Escola Municipal Bernardo Nascimento, em Natal/RN. As ações tomam como embasamento teórico as obras de Cosson (2012), Feba e Junqueira (2013), Benevides (2011; 2013) e Eliade (2010). Os resultados indicam que a leitura literária no ambiente do Ensino Religioso é uma possibilidade a mais para a compreensão de outras formas de se entender o fenômeno religioso e seus discursos.

Palavras-chave: Letramento Literário no Ensino Religioso. Budismo, Diversidade Religiosa.

Introdução

A importância de despertar no aluno o interesse pela leitura a partir da diversidade de gêneros textuais, especialmente os gêneros literários, tem sido o desafio de muitos professores da disciplina Ensino Religioso, comprometidos com a melhoria na qualidade do ensino e com a formação de cidadãos mais críticos.

Os gêneros textuais variam desde um simples diálogo até uma tese científica, e por serem frutos de uma sociedade são carregados de elementos que caracterizam o contexto em que são empregados. No entanto, mais importante que conhecer um novo gênero textual é ser tocado por ele de maneira certa. A leitura tem esse propósito, mas nem tudo que se lê é entendido corretamente, e vários fatores contribuem para isso. Um deles é a própria escola que, em muitos casos, tem



assumido um modelo mais tradicional no que se refere ao ensino dos gêneros e negligenciado a liberdade que o aluno possui para escolher e trabalhar com eles, enxergando esse leitor como um elemento passivo que recebe as informações nele depositadas e ponto.

O gênero *conto* constitui-se numa narrativa breve, sem deixar de apresentar elementos que conseguem prender a atenção dos leitores e despertar sensações as mais variadas, tais como: reflexões, prazer, desejos, fantasias, lembranças e identificação com situações vividas. Além disso, fornece material para tornar o aluno mais inspirado e produtivo em sua produção. No que se refere às origens, remonta ao passado representado pelas narrativas orais e sem um autor conhecido, onde era passado dos mais velhos para os mais novos.

Esse trabalho foi resultado da experiência em turmas de primeiros anos do ensino fundamental de uma escola da rede pública de Natal, que foi parceira das intervenções do projeto PIBID Ensino Religioso, do qual nasceu este artigo. Dessa maneira, foi possível constatar na prática que é possível ao professor de Ensino Religioso trabalhar com o gênero discursivo *conto* em sala de aula e conseguir resultados eficientes, como o entendimento em relação ao transcendente, além de um melhor desempenho de seus alunos e melhoras consideráveis na frequência escolar.

A Literatura e o olhar sobre o conto

Como todos os textos de ficção, o conto apresenta um narrador, personagens, ponto de vista e enredo. Classicamente, diz-se que o conto se define pela sua pequena extensão. Mais curto que a novela ou o romance, esse gênero tem uma estrutura fechada, desenvolve uma história e apenas um clímax. É conciso e se encontra dentro da tipologia narrativa. Costuma-se analisar o conto, tendo como característica sua pequena extensão, no entanto, o estudo desse gênero requer um cuidado a mais, uma vez que envolve peculiaridades de grande contribuição para o seu entendimento. Se esquecidas, essas peculiaridades afetarão a compreensão do conto. Como se pode observar em CORTÁZAR (1998, p. 6), trata-se de “[...] um gênero de difícil definição, esquivo nos seus múltiplos e antagônicos aspectos”. O conto leva o leitor a passear no mundo da imaginação. Isso só é possível devido aos efeitos estruturais presentes no citado gênero literário. Para Gotlib (1985, p. 33): O segredo do conto é promover o sequestro do leitor, prendendo-o num efeito que lhe permite a visão em conjunto da obra, desde que todos os elementos do conto são incorporados tendo em vista a construção deste efeito.



Análise do Conto em sala de aula: O budismo

Faremos um breve relato das experiências com alunos do 1º ano do ensino fundamental. Levamos até a sala de aula um conto chamado O Budismo. Logo abaixo, reproduziremos o *conto* escolhido na íntegra. A seguir, aparece o gênero que serviu de base para estudo em sala de aula.

O budismo é um sistema ético, religioso e filosófico. Seu nascimento está estreitamente ligado ao surgimento de Sidarta Gautama, que significa “aquele que obtém sucesso e prosperidade”. O príncipe Sidarta teria nascido por volta de 563 a.C., num pequeno reino do atual Nepal. Seu pai era o rei Suddhodana, e sua mãe, a rainha Maya. Muitas lendas se contam sobre o nascimento milagroso de Sidarta. Uma delas diz que ele nasceu no Jarim Lumbini, até hoje um dos lugares mais sagrados do budismo, num parto sem dor. Ao sair da parte direito do corpo da rainha Maya, Sidarta teria dado sete passos para os quatro pontos cardeais: norte, sul, leste e oeste. E, com uma mão apontando o céu e outra a terra, disse: “Entre o céu e a terra, sou um ser único. Poucos dias depois do seu nascimento, a rainha Maya morreu. Como era costume na época, o rei quis saber qual seria o futuro do príncipe Sidarta, e chamou Asita, o vidente. Este disse ao soberano que o príncipe seria ou um grande governante ou um buda – palavra de origem sânscrita que significa “aquele que despertou”. O rei Suddhodana não gostou nada dessa história de virar um buda. Decidiu afastar o filho do caminho espiritual e o iniciou na vida da realeza, fazendo-o aprender as mais diferentes artes e ciências, de modo a torna-lo apto para ser um futuro rei. Sidarta conhecia astronomia, matemática, filosofia e sabia manejar armas de guerra, montava muito bem a cavalo e era um excelente lutador de artes marciais. Sua vida era confortável e segura. Com dezesseis anos já estava casado com a bela princesa Yasodhara, e logo teve um filho, que ganhou o nome de Rahula. Até seus vinte e nove anos, Sidarta viveu protegido dos sofrimentos terrenos, mas sua mente perspicaz e curiosa começava a questionar a vida confortável e segura que havia levado até aquele momento. Num dos passeios que realizou fora dos muros do palácio, o príncipe viu a velhice, a doença, a morte e santidade. Aquelas imagens marcaram profundamente o olhar e a alma de Sidarta, que, a partir daquele momento, decidiu procurar e encontrar a solução para os sofrimentos humanos. Sua fuga do palácio foi rápida e inteligente: ele cobriu as patas de seu cavalo com tecido, para que não fizessem barulho. Sidarta abandonou definitivamente a vida nobre, aproximou-se do rio Anoma, cortou o cabelo e a barba, tirou as roupas reais e as entregou, junto com o cavalo, para seu ajudante, Channa. Sidarta transformou-se num asceta – um homem que renuncia à vida material. Ele andava sempre com roupas sujas e esfarrapadas, dormia ao relento e vivia com uma cuia na mão, pedindo esmolas. Dizem algumas lendas que ele chegava a comer um grão de arroz por dia, e seu corpo emagrecia de forma atroz e sofrida. Mas o caminho que se liberta do sofrimento não era o da renúncia à matéria, pois como podemos refletir e meditar se estamos com fome? Um dia, para surpresa de seus companheiros ascetas, Sidarta aceitou uma bela tigela de mingau de uma simples camponesa. Seus amigos ficaram horrorizados e abandonaram-no. Ele, por sua vez, após comer, lavou-se por inteiro num rio próximo. Limpo e com a barriga cheia, Sidarta decidiu encontrar



seu caminho sozinho. Sentou embaixo da Árvore Bhodi – a árvore da iluminação – e começou a meditar. Mara, o deus da mentira, tentou afastar o jovem da iluminação, mas não conseguiu. Após quarenta e nove dias de meditação, Sidarta finalmente se iluminou, transformando-se em Buda, o ser desperto. Nesse instante, o grande mestre começou a jornada para compartilhar seus conhecimentos e experiências espirituais. Buda nunca tentou converter as pessoas à sua filosofia, mas as auxiliava, se assim desejassem, a iluminar-se. O budismo é um sistema filosófico que preza muito a inteligência, o pensamento e a sabedoria, e está muito embasado na prática cotidiana, buscando serenar a mente e leva-la a uma sensação de paz e felicidade. (BREMAN, 1976, p. 60-61)

Após a leitura do texto e com base nos autores já citados, comentou-se a definição do gênero discursivo *conto* e suas principais características. Como também os ensinamentos que estão inseridos na história. Por ser um conto popular na sua matriz religiosa a qual pertence, tem sua importância no contexto de letramento literário e a assimilação de valores para o desenvolvimento de aulas no Ensino Religioso. O processo de escolha do texto perpassa pelas diretrizes estabelecidas pelo PIBID em Ensino Religioso. Como afirma Cosson,

Selecionado o livro, é preciso trabalhá-lo adequadamente em sala de aula. Já sabemos que não basta mandar os alunos lerem. Antes que passemos às atividades que conduzem ao letramento literário na escola, entretanto precisamos esclarecer como se processa a leitura. (Cosson, 2014, p.36)

Observou-se que o *conto* mostra que a história de Sidarta ou Buda foi usada como um instrumento para levar as crianças a um mundo mágico onde o personagem principal ao sair de sua casa se depara com cenas do cotidiano que o impactaram. Cenas que antes nunca imaginadas pelo pequeno Buda, mas que fazem parte da vida real das crianças do primeiro ano. As crianças são levadas para o mundo mágico da narrativa e ao mesmo tempo o pequeno Buda faz parte do mundo real de cada uma delas. As cenas que impactaram o pequeno Buda como a doença, a pobreza e a velhice são evidentes e reais para as crianças. No caminhar da contação da história as crianças são estimuladas a se desenvolverem em áreas importantes na construção do ser humano. Áreas como o amor, a compaixão, o cuidado, a cidadania e outras atitudes que devem compor a vida de todo ser humano. O pequeno príncipe iluminado tomou uma atitude ao se deparar com as dificuldades que fazem parte de qualquer cidade e bairro, o importante é tomar uma decisão de ajudar as pessoas independente da sua cor, raça, idade ou credo, é preciso viver de modo que leve alívio para as pessoas em meio da diversidade.

No bairro onde a Escola Municipal Bernardo do Nascimento está inserida basta andar um pouco e podemos perceber que o bairro é um local de muitas



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

dificuldades. Os postos de saúde não possuem boas estruturas, as praças são locais de consumo de drogas e prostituição, as ruas periféricas são quase todas sem iluminação e calçamento. Toda essa gama de dificuldade faz parte das falas das crianças enquanto discutíamos o significado e o sentido do conto de Sidarta.

No conto *O Budismo*, encontram-se elementos míticos. Ao estudar a matriz religiosa budista, é contemplado o Eixo Tradições Religiosas que está nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso (FONAPER, 2007).

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br

Considerações finais

Considerando as atividades realizadas como importantes para a realização deste trabalho, destacamos a relevância do gênero *conto* como fundamental no estímulo ao aprendizado em sala de aula dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Professor Bernardo Nascimento, onde foram realizadas as intervenções.

A prática da leitura dos cantos populares pode ajudar no trabalho da interdisciplinaridade, promovendo a vontade pela literatura por parte dos alunos das séries iniciais. Acreditamos que a leitura é muito importante na formação do indivíduo, desse modo se faz necessário para o desenvolvimento social intelectual do sujeito, nesse tocante percebemos que os contos populares podem ser os primeiros passos para despertar no aluno o prazer pela leitura desse modo destacar o fenômeno religioso, dentro do contexto da realidade dos alunos. Assim o professor de Ensino Religioso pode inserir os cinco *Eixos Temáticos* fundamentais dessa Disciplina, que são esses: *Culturas e tradições Religiosas*; a ideia do transcendente; *Escrituras Sagradas e Tradições Oraís*; história das narrativas sagradas; *Teologias*, os conteúdos que tratam da divindade; *Ritos* são os rituais as práticas religiosas; *Ethos*, os conteúdos da alteridade, o relacionamento com os outros e os valores.

Além da escolha e interação com esse gênero, os alunos puderam fazer suas próprias observações, criando uma identificação com o universo da narrativa – tipologia predominante no conto. Além do interesse e participação constantes, foi dada a oportunidade de revezarem a leitura em voz alta outros contos, alternando a participação dos presentes, com o objetivo de buscar a conjugação leitura/oralidade. Além disso, a resposta às atividades demonstrou que o assunto foi devidamente compreendido.

Ao mesmo tempo em que pudemos refletir sobre a importância da leitura em sala de aula, assim o fizemos quanto ao gênero abordado, adaptando-o ao gosto dos alunos. Pelos motivos já mencionados, é visível, pela presteza da atenção dos alunos, a facilidade proporcionada pelo “conto”.

Por isso, propomos que se tenha mais atenção ao que está sendo trabalhado em sala de aula - no que diz respeito à utilização do gênero. Sua leitura deverá causar o envolvimento e trabalho proposto, promover situações de interação, bem como a participação de todo o grupo. O “conto”



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

possui essa proposta por ser uma narrativa curta e que possibilita um trabalho social, criativo e dinâmico. É possível aproveitar esse caminho como possibilidade para o conhecimento de variados gêneros, utilizando a leitura e a produção textual como ferramentas constantes.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1993.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo. 2014.

CORTÁZAR, Júlio (1998), **Histórias de Cronópios e de Famas**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 6. ed., trad. Gloria Rodrigues.

Leia mais em: <http://www.webartigos.com/artigos/o-genero-conto-como-ferramenta-de-ensino-da-lingua-e-da-cultura-brasileira>. Acessado 17/11/16.

GOTLIB, Nádia B. **Teoria do Conto**. São Paulo: Ática. 1990.

FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Religioso. 9ªed. São Paulo: Mundo Mirim, 2007.



ANEXOS

Escola Municipal Profº. Bernardo Nascimento	Data:
Nome:	Turma:
Professor: Jaime de Mello - PIBID - Ensino Religioso	

ATIVIDADE

Vamos Pintar o Sidarta Gautama?





VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

Escola Municipal Prof. Bernardo Nascimento	Data:
Nome:	Turma: 1
Professor: Jaime de Mello - PIBID - Ensino Religioso	

ATIVIDADE

Vamos Pintar o Sidarta Gautama?



(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br